



Sobre a relação entre psicanálise e religião em Erich Fromm: em meio a espada e o escudo.

Me. Eberson Luís Mota Teixeiraⁱ / Dr. Marcelo Máximo Purificaçãoⁱⁱ

Resumo

Este artigo se propõe investigar as ideias de Erich Fromm (1962) acerca da relação (causa e efeitos) entre psicanálise e religião, onde aquela adentra na psiquê do *homo religiosus*ⁱⁱⁱ pondo em xeque sua cosmovisão e fé. Outrossim vamos identificar a dissonância e sororidade nas manifestações históricas da religião como construções humanas *a priori* formadoras da personalidade(s), mitos e arquétipos de um Ser cultural ou uma civilização alhures. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica (MARCONI E LAKATOS, 2003) com abordagem qualitativa (MINAYO, 2007) e análise de conteúdo (BARDIN, 1977) tendo como aporte teórico autores como Strauss (1976), Kant (1985), Camus (2009) dentre outros. Sem embargo, a busca por tentar responder se a realidade psico-endógena (religião e psicanálise) são coextensões do Ser Humano ou se a psicanálise desvela e destrona a imagética existencial religiosa, a qual confere sentido e significado aos povos e ao Ser, é o fulcro final para os resultados esperados.

Palavras-chave: Psicanálise, Religião, Existência.

Introdução

Quem come da árvore do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso. (Melanie Klein).

A religião, ao que tudo indica, é uma manifestação do ser humano ao longo da história e com a interrelação na companhia de seres sobrenaturais. Isto é, tal fenômeno sagrado auferiu insuspeição ao existir e infundiu suporte para certezas, donde fundamentou o viver pessoal e social. Segundo Durkheim,

(...) isto é, por procedimentos psicológicas, tratando de convencê-los ou de comovê-los, seja por meio de palavras (invocações, preces), seja por oferendas e sacrifícios. É já que a religião teria por objeto regular nossas crenças com esses seres especiais, só poderia haver religião, onde há preces, sacrifícios, ritos propiciatórios, etc. Teríamos, assim, um critério muito simples que permitiria distinguir o que é religioso do que não é (DURKHEIM, 1996, p.12).

Destarte, com tal arcabouço (concepção de mundo religiosa) diligenciamos analisar as fímbrias da religião perante a psicanálise, posto que os religiosos atentam em pré-julgamentos para um desacreditamento da psicanálise, no tocante a análise benfazeja dos pressupostos religiosos como forma capital de existir no mundo da vida em *pari passu* (concomitantemente) ao viger (estar em) de um Deus.

De acordo a Agostinho de Hipona: “Desse modo, a verdadeira religião não há de ser buscada na confusão do paganismo, nem nas impurezas do Cisma, nem na cegueira do judaísmo, mas somente entre os denominados cristãos católicos ou ortodoxos, isto é, entre os guardiães da integridade e seguidores do que é reto” (AGOSTINHO, 1987, p. 44).

Eis que para Agostinho só existe uma verdadeira religião, a citar, a católica. Como baluarte da integridade e justiça na terra, sendo a estrada de ‘tijolos amarelos^{iv}’ para o paraíso da cristandade. Com tal tese, é natural que a psicanálise se sinta imantada para esclarecer se tal premissa é real, imaginada ou uma construção mental para uma cultura apologética articulada com um monoteísmo unilateral. Não obstante, Estas duas searas (religião e psicanálise) que transitam em extratos abstratos da mente, ora dissonantes com a realidade material e ora amalgamadas em fenômenos e percepções cognoscíveis, nos possibilitará um estudo bibliográfico profícuo e uma ampliação do estado da arte com tal tema digladiador.

A psicanálise, neste artigo, propor-se-á desvendar ‘arqueologicamente’ os escaninhos das camadas mentais forjadas ao longo da experiência humana (inconsciente pessoal) e dos horizontes abstratos (inconsciente coletivo^v), enquanto perguntar-se-á perante a religião sobre as incógnitas de mundos extra lunares (céu e inferno) inseridos por insuflações (autenticamente?!) divinas. Ainda em Agostinho,

(...) Aplicando-se sobre os dados da fé, a "ratio"^{vi} vai efetuar sua ascensão do visível ao invisível, e do temporal ao eterno. Sendo faculdade de julgar, ela refere-se em cada um de seus atos a uma norma suprema de harmonia, de beleza, de unidade. Norma essa, não somente suposta como ideal, mas percebida com a realidade. Unidade absoluta, ela transcende o tempo e o espaço, sendo acessível não aos sentidos, mas somente ao espírito (...). Os sentidos apenas fornecem os seus dados passiva, involuntariamente e, portanto, sem mentir. A razão trabalha sem cessar, a trazer o múltiplo mutável ao Uno imutável e à Verdade (AGOSTINHO, 1987, p. 20).

Assim, Agostinho se escora na pressuposição das ‘perfeições’ dos ciclos da natureza como suporte para a existência de um Deus – todo poderoso – sendo este a ‘unidade absoluta’ sem o qual estaríamos todos mergulhados no ‘nonsense’ da vida, no absurdo e na compreensão da náusea sartreana.

Neste *intermezzo* (intervalo), o ponto de união e coesão é a análise discursiva das narrativas e metanarrativas^{vii}, que se desvelam se estendendo por universos *sui generis* (peculiar) e, ao qual expressam manifestações da mente. Para Freud,

(...) Já dissemos que, se a diferenciação que efetuamos na mente de um id, um ego e um superego, representa qualquer progresso em nosso conhecimento, deveria capacitar-nos a compreender mais integralmente as relações dinâmicas dentro da mente e a descrevê-las mais claramente. Já concluímos também que o ego se acha especialmente sob a influência da percepção e que, falando de modo geral, pode-se dizer que as percepções têm para o ego a mesma significação que os instintos têm para o id. Ao mesmo tempo, o ego está sujeito também à influência dos instintos, tal como o id, do qual, como sabemos, é somente uma parte especialmente modificada (FREUD, 1977, p. 23).

A fenomenologia da mente foi tripartida na psicanálise freudiana que intentou um conhecimento desvelador entre percepções e instintos das realidades do Ser Humano em sua interrelação com o mundo e com o outro(s) seres, logo é imprescindível a análise de conteúdos e/ou discursos para desencavar as verdades nos recônditos da mente.

Sem embargo, este artigo pretende, ainda, articular estes dois *modus vivendi* (religião e psicanálise) da espécie humana em sua elaboração imaginativa, imagética e simbólica para achar possíveis respostas nas inquietações seculares da ciência psicanalítica. Para Fromm,

É meu intento mostrar, nessas páginas, que não estamos justificados em abandonar a preocupação com a alma humana, se não aceitamos os postulados da religião. O

psicanalista estuda a realidade humana que orienta a atitude religiosa, do mesmo modo que investiga os componentes emocionais que se ocultam sob sistemas simbólicos não religiosos (FROMM, 1962, p. 13).

Fromm espelha a sua *doxa* sobre a existência da alma humana independente da religião, porque seu olhar está voltado para a circunspeção intuitiva da experiência racional da psiquê, logo sabe este que o ‘elã vital’ ao mote bergsoniano^{viii} existe nem que seja como *consensus gentium*^{ix} – consenso geral - (não como matéria). Ainda em Fromm,

Para ele, a questão não é saber se o homem deve voltar à religião e acreditar em Deus, mas sim se o homem realmente demonstra amor nos seus atos e pensa com honestidade. Isto é fundamental; os sistemas simbólicos que o homem usa passam a segundo plano. Mas se tal fato não ocorre, isto é, se o homem nega o amor e pensa obliquamente, todo e qualquer sistema simbólico deixa de ter importância (FROMM, 1962, p. 13).

Por conseguinte, analisar a alma humana com aletheia (verdade, não oculto), hombridade e rigor deontológico demanda uma expertise^x (uma ponte entre análises de discursos e conteúdo) ao ser realizada sob os auspícios de um estudo bibliográfico (MARCONI E LAKATOS, 2003), sendo

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 158).

Por conseguinte, perpassando pela pesquisa bibliográfica teremos um olhar em derredor deste entorno social, político, econômico e cultural, outrossim para sondar o coração (as intencionalidades) humanas tendo como fiel a racionalidade científica da psicanálise.

Onde Freud e Jung se encontram: o baile das personas

A Religião costuma ser tida como um *consensus gentium* (um consenso geral) fazendo parte da quididade (essência) humana atrelada a outros veios de comunhão social. Levi Strauss nos informa,

Quando estudamos tais fatos - e outros domínios da civilização, tais como as instituições sociais, a arte, a religião que forneceriam facilmente exemplos semelhantes - acabamos por perguntar-nos se as sociedades humanas não se definem, face às suas

relações mútuas, por um determinado *optimum* de diversidade para além do qual elas não poderiam ir, mas abaixo do qual também não podem descer sem perigo. Este *optimum* variaria em função do número das sociedades, da sua importância numérica, do seu afastamento geográfico e dos meios de comunicação (materiais e intelectuais) de que dispõem (STRAUSS, 1976, p. 56).

Strauss argumenta que as civilizações são expressões de suas manifestações da vida no mundo social frisando a religião como uma instituição social, que definiria a sociedade numa amalgama de interdependências como caracteres de identidade e pertencimento, mas seria tal argumento corroborativo na psicanálise em Fromm, por exemplo?

Qual é a posição de Freud em relação ao assunto? Para ele, a religião tem a sua origem no sentimento de incapacidade do homem, quando se vê confrontado com as potências exteriores, provindas da natureza, e com o seu próprio dinamismo instintivo. A religião aparece numa fase precoce do desenvolvimento filogenético, quando o homem ainda não pode usar a sua razão para dominar as primeiras forças, e reprimir ou controlar as segundas (FROMM, 1962, P. 16).

Erich Fromm se norteia pelo horizonte de sentido conferido por Freud tratando a religião como um ‘sentimento de incapacidade’ e não como um insurgir *numinoso*^{xi} do Ser Humano em sua afinidade com a natureza numa mundividência identificadora da energia espiritual em seu cerne vivencial como essência em si da humanidade perante a incipiente racionalidade, posto que a definição basilar do humano é a utilização da razão (*logos*^{xii}).

Neste *intermezzo* a religião poderia não ser a expressão de uma racionalidade autônoma, todavia de uma construção fantasiosa? Em Fromm,

Freud não se limita a provar que a religião é uma ilusão. Diz que toda religião constitui um perigo, porque tende a santificar instituições viciosas, com as quais se tem aliado através dos tempos. Além disso, porque ensina às pessoas a acreditarem em uma ilusão, e condena o pensamento crítico, condiciona certa estagnação intelectual (FROMM, 1962, p. 17).

Não nos surpreende que Freud – um ateu convicto e adepto do método científico de linha positivista – não caia de amores nas graças da religião, visto que esta (religião) adentra o terreno do imponderável (os ditos mistérios), e se propala como emissária da ‘história única’^{xiii} (a igreja como voz oficial de Deus e dos homens) e da hierarquia monolítica (normatizando a obediência e o silêncio perante a autoridade hierárquica dos papas aos padres de paróquia) dentro e fora de sua

instituição – Eclésia (assembleias) - documentado pelo histórico de violências, epistemicídios^{xiv} e silenciamentos ao longo da história, que se uniu às instâncias do poder e dos sistemas das elites dominantes (monarquias, colonialismo, mercantilismo etc.), em épocas diversas, e perseguiu (anatemizou), excomungou a racionalidade livre (ciência) contrárias aos seus dogmas manifestadas em requintes de crueldade por seus agentes do infortúnio (vide Santo Ofício, Caça às bruxas, Cruzadas, *Index Librorum Prohibitorum*^{xv} e as guerras intestinas como o massacre da noite de São Bartolomeu e a Reforma protestante – etc.).

Tal diapasão, assim acontece, devido a uma mentalidade religiosa, ao que tudo indica na historiografia humana, minimalista, monoteísta, que impõe seu ‘imperativo’ dogmático e paradigmático como categórico, onde o mote é aceitar (se converter) ou ser condenado, perseguido, alcunhado (pagão) e, por fim morto. Assim, o ‘baile das personas’, que a psicanálise pretende trazer à baila é o contrassenso do discurso de amor religioso versus a ação genocida da psiquê da cristandade como ‘modus operandi’ no seu habitué (habitual) estar no mundo.

A verdade são os dois dedos de poeira no fundo do pote ou seria a psicanálise uma ameaça à religião?

E a ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás, porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás (Bíblia. Gênesis 2:17, 1050, p. 04).

Dois pontos equidistantes e, quiçá, indigestos se apresentam-se nesta discussão (psicanálise e religião). O axioma religioso transita por discursos de certezas. Tertuliano já apregoava: *Credo quia absurdum*^{xvi} (creio por ser absurdo), ou seja, a fé parece ser inseparável do absurdo para o autor, posto que seja imponderável para a construção lógica da racionalidade de causa e efeito à moda Newtoniana, posto que rivaliza com os milagres insuspeitos como manifestação da graça divina plenipotente. Por isso, Fromm articula o desenvolvimento da racionalidade exterior (mundo – natureza) a seu amadurecimento intelectual e à saída da menoridade via a (*Aufklärung*) esclarecimento. Em KANT temos,

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem

de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento; tal é o lema do esclarecimento (Kant, 1985, p. 100).

Kant correlaciona a maturidade intelectual atrelada ao conhecimento e ao pensamento autônomo, afinal desde Aristóteles (1997) somos seres racionais e políticos (*zoon politikon* – animal político), neste sentido, é preciso ousar pensar e assumir as responsabilidades pelas conclusões deste pensar, que se insurgiu como consequência da modernidade e da revolução científica dos séculos XVII - XVIII. Para Fromm,

[...] Quanto mais compreende e controla a natureza, tanto menos o homem precisa usar a religião como explicação científica e como instrumento de controle mágico. Se a humanidade é capaz de produzir alimento suficiente para todos, já não precisa mais rezar pelo pão diário. Quanto maior o progresso científico e técnico, menor a necessidade de sobrecarregar a religião com uma função que só é religiosa em termos históricos, mas não faz parte obrigatória da experiência religiosa (FROMM, 1962, p. 123).

Fromm aposta na racionalidade - como o desvelar da maturidade humana - e com isso subverte a importância capital que era dada a religião como ‘condottiere’ (condutora, mercenária) da humanidade sempiterna e apodíctica.

Este autor utiliza-se do exemplo pragmático como a produção científica voltada para debelar as urgências humanas em seu viver biológico, por conseguinte insere a religião a um nicho historicista e não digno de uma panaceia da verdade universal para a saída da minoridade à lá Kant. Todavia, Fromm não tece críticas deslegantes à religião e seus ritos como algo sem importância. Para este.

Os rituais religiosos não são sempre irracionais. (Para o observador que não compreende o seu sentido, eles parecem, naturalmente, irracionais.) Um ritual religioso de limpeza pode ser compreendido como expressão racional de limpeza interior, espiritual, sem qualquer componente obsessivo ou irracional; representa antes uma expressão simbólica do nosso anseio de pureza, realizado ritualisticamente, como preparação para uma atividade que requer completa concentração e devoção. Do mesmo modo, rituais como jejum, cerimônias de casamento religioso, práticas de concentração e meditação, podem ser atividades completamente racionais que não necessitam de maior análise, a não ser que se deseje compreender o seu significado intencional (FROMM, 1962, p. 128).

Fromm, gentilmente, traduz a religião como um tipo de ação, manifestar ou fenômeno, que se correlaciona com aspectos interiores e dão vazão a vivências num indivíduo como expressão de seu entendimento do mundo, das coisas e de si mesmo. Vale uma ressalva aos estudos junguianos sobre este processo de crescimento (sem a necessidade da religião como muleta do ser). Para Jung,

Há uma destinação, uma possível meta (...). Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por "individualidade" entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo. Podemos, pois, traduzir "individuação" como "tornar-se si mesmo" (Verselbstung) ou "o realizar-se do si mesmo" (Selbstverwirklichung) (JUNG, 2008, p. 60).

Em Jung, amadurecer ou individualizar-se requer um olhar introspectivo para o si mesmo e suas qualidades mais humanas, donde buscar-se-á a sua singularidade, a peculiaridade que dará lúmen (luz, razão) na busca e desenvolvimento da personalidade na sua totalidade, que é a experiência psicológica imprescindível para o Ser em busca do Si mesmo em desvinculação com as personas (máscaras) e imagens impostas por ideologias, crenças unilaterais e misticismos, destarte a individuação é a autenticidade do Ser no mundo da vida.

Ainda trilhando os caminhos junguianos da simbologia. Trago para o debate o opúsculo de Jung (1969): *O homem e seus símbolos*^{xvii} sendo (o símbolo) um fator construído pela sociedade para retroalimentação e entendimento das causas primeiras e últimas (ARISTÓTELES, 1997) via intencionalidade, que também conspurca com a obra: *A economia das trocas simbólicas* de Bourdieu (2007)^{xviii}, e é aí, que a psicologia se desdobra em sentidos e significados profícuos para a humanidade no terreno do pessoal e das relações sociais e civilizacionais, salvaguardando a religião de seus aspectos mais *sui generis* (singulares) e transcendentais, porque estaria relacionado intimamente ao Ser Humano e ao seu viver. Não por contingência, Fromm, amplia o entendimento abaixo,

[...], mas rituais não podem ser manufaturados; dependem da existência de valores comuns genuínos, e só podemos esperar o aparecimento de rituais racionais, verdadeiramente significativos, quando aqueles valores se tornarem uma realidade do sentimento humano (FROMM, 1962, p. 130).

A legitimidade de rituais estão no insurgir-se do Ser, da sua existência como vetor construtivo, formativo e identitário. Está, pois, naquele *self* (si mesmo) que se desdobrou em cintilar sua

existência no real percebido na psiquê e não no *desideratum* (aspiração, desejo) de construções simbólicas voltadas para um transcendental incognoscível (Deus, Céu, Inferno etc.).

Em realidade, a luta humana pela transcendência, ainda está no solo da existência entre o Ter (coisas) ou Ser (experiência) como meta final, donde a religião tentou mostrar/impor caminhos para este fim último. Isto é, na urgência da religiosidade versus a materialidade, o sensível e a ciência com sua busca frenética pela “independência, liberdade e presença do sentido crítico” (FROMM, 2002, p. 90). Por isso, Erich Fromm insere nova vereda neste espaço tendo a análise da linguagem no âmbito social do Ser como fator *sine qua non* (indispensável) para a compreensão simbólica. Isto é,

[...] Nas sociedades em que a preocupação principal era compreender experiências interiores, essa linguagem não apenas era falada, mas também entendida. Na nossa cultura, embora a usemos ainda nos sonhos, a linguagem simbólica é raramente compreendida. A confusão consiste principalmente em tomar os conteúdos da linguagem simbólica por fatos reais, no terreno das coisas, em vez de considerá-los como recursos expressivos das experiências espirituais. Na base desta confusão, os sonhos foram considerados como produções absurdas da nossa imaginação, e os mitos religiosos, conceitos infantis da realidade (FROMM, 1962, p. 131).

Para Fromm, as construções simbólicas que caracterizam fortemente o humano são expressões de experiências interiores, que num panorama social intentam o *consensus gentium* (consenso geral) como validador linguístico e fenomenológico civilizacional. Destarte, deste imbróglio não compreendido na sua integralidade, posto que a mente humana se divide em campos metafísicos não demonstráveis pela esfera do sensível (materialidade), é que surgem os hiatos, os abismos e os vazios cabendo, pois, a religião tentar servir de ponte – encaixes - apesar de ser arrostada com conceitos infantis e irrealis pelos materialistas, cientistas, ateus etc.

[...] A pergunta "Você acredita na existência de Deus?" tem se tornado o ponto crucial defendido pelos adeptos das religiões, e a negação de Deus constituído a posição tomada por aqueles que lutam contra a Igreja. É fácil, entretanto, ver que muitos dos que professam a crença em Deus são, no plano das atitudes humanas, na realidade idólatras, ou homens sem fé, enquanto que alguns dos mais ardentes "ateístas" devotam suas vidas ao bem-estar humano, a atos de amor e fraternidade, exibindo fé e uma atitude profundamente religiosa. Colocar a discussão religiosa em termos de aceitação ou negação do símbolo Deus impede a compreensão do problema religioso com o

problema eminentemente humano, e coíbe o desenvolvimento daquela atitude que pode ser chamada religiosa, no sentido humanista (FROMM, 1962, p. 133).

Fromm nos problematiza com duas ações dissonantes, que se retroalimentam na sua dissuasão prospectiva. Isto é, não seria a aceitação da existência de Deus - o mote valorativo e validador – o dinamizador das ações humanas, visto que as crenças não se baseiam em atitudes como a fraternidade, amor e sentido de empatia (bem-estar) coletivista – fato -, que pode ser demonstrado pelo epistemicídio como *modus operandi* da religião judaico-cristã.

Eis a trampa (*armadilha, ardil*): Não é a existência ou um ser divino o fiel da balança do humanismo ou da religiosidade para Fromm, todavia sua estreita relação de sororidade, respeito, liberdade e engajamento na experiência do **existir COM** e **não existir PARA**. Sem embargo, corroboramos com Kant para quem o SER deve ser um FIM em SI-MESMO e não um MEIO PARA algo, alguém ou alguma coisa (KANT, 2007).

Neste tocante, supracitado em Fromm, discorreremos sobre tal relação dissonante da existência de Deus (como fundamento uníssono e inalcançável aberto a ‘n’ possibilidades de interpretação. Inclusive ao não exemplo pelos religiosos de ações justas e corretas). Não obstante, qual o fundamento das ações humanas? Vide abaixo:

[...] Deus é como o horizonte, que põe um limite à nossa vista. Para a mentalidade ingênua, parece tratar-se de alguma coisa real, que pode ser segurada; entretanto, procurar o horizonte equivale a correr atrás de uma miragem. Quando nos movemos, o horizonte se move; se subimos num monte, ele se torna mais amplo, mas ainda assim permanece como uma limitação, e jamais se torna algo palpável (FROMM, 1962, p. 134-135).

Destarte, se Deus é este conceito volátil, tênue e impalpável como poderia ser o divisor de águas para as ações humanas e as miríades de construções do universo humano em épocas, longitudes e latitudes em comum? Parece só haver uma saída: O acreditar! porque o Ser Humano é um animal racional, mas profundamente emocional e – desde sempre – encontrou-se perdido (inventando narrativas e metanarrativas) neste vasto campo de centeio^{xix} chamado vida, para, por fim, dar significado à sua existência perante a angústia diária do homem em todos os tempos. Para Camus,

[...] — Afinal. . . — continuou o médico, e voltou a hesitar, olhando para Tarrou com atenção. — É uma coisa que um homem como o senhor consegue compreender, não é verdade? Já que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez convenha a Deus que

não acreditemos nele e que lutemos com todas as nossas forças contra a morte, sem erguer os olhos para o céu, onde ele se cala (CAMUS, 2009, p. 73).

Para Camus, a morte é o regulador do mundo, porque introduz o tempo linear (início, meio e fim) como horizonte da vida neste universo conceitual e complexo do humano. Neste ínterim, de nada vale uma divindade plenipotente que é sem vermos.

Se as leis cósmicas são universais e indiferentes às narrativas humanas monoteístas, onde estas (narrativas) sequer conseguem ir além do ego (construtor da realidade). O que nos sobra para desvendarmos os mais recônditos segredos da criação: “de onde viemos, por que estamos aqui e para onde vamos?” (PASCAL, 1973).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este opúsculo intentou percorrer entre dois caminhos (religião e psicanálise) e suas influências nas visões de mundo psicossociais da fé e da mente. Utilizando-nos de uma metodologia bibliográfica (MARCONI E LAKATOS, 2003), qualitativa (MINAYO, 2007) e de análise do conteúdo (BARDIN, 1977) – com os autores citados no resumo. Por conseguinte, investigamos na *Introdução* como a religião é uma manifestação fenomênica da humanidade em sua história – num *dasein* heideggeriano (estar aí no mundo) tendo a ajuda de Freud no mapeamento da mente como instrumental do Id e do Ego como vetores desta.

No subtítulo *Onde Freud e Jung se encontram: o baile das personas* trouxemos um apreensão de consenso geral para a religião como expressão de uma coesão social, na qual aquela existiria para tentar responder ao sentimento de incapacidade do Ser Humano perante a miríade de sentidos e significados (da náusea, ao absurdo, ao nada) percebidos, direta ou indiretamente, nas diversas civilizações em suas interações com a existência humana, logo não poderia haver uma unicidade de cosmovisão - uma história única oficial - sob pena de um epistemicídio (SANTOS, 2018) generalizado por conta de um monoteísmo proselitista, que se materializou no colonialismo, no mercantilismo, no racismo etc.

Na questão acerca sobre: A verdade são os dois dedos de poeira no fundo do pote ou seria a psicanálise uma ameaça à religião? Foi desvelado a relação conflituosa entre o absurdo da fé versus o esclarecimento (Aufklärung) como movimento científico para retirar o homem de sua minoridade intelectual (KANT, 1985). A religião neste estrato foi tratada como um constructo simbólico com o fito de ações sociais, as quais visam compreender e dar vazão ao ‘ímo’ (a complexidade interior do

self), porquanto tenha construído rituais formativos e intermédios dando sentido para conceituar a realidade, a existência e o viver.

Destarte, foram realizadas contraposições entre os religiosos como possíveis idólatras e ateus que colaboraram com o bem estar comum de uma sociedade por estarem voltados para o viver racional *'com' e não o viver 'para'* (uma divindade toda poderosa).

Por fim, a conclusão indigesta do escrito, é que Deus pode ser um conceito volátil, tênue e indômito, ao qual é percebido como partícipe da vida humana, donde é possível reger, regular, dar limites e conferir finitude ao sentido mor da existência humana, possivelmente, apenas para os religiosos. Por conseguinte, parafraseando Heidegger,

Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe. A frase: "o homem existe" de nenhum modo significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irreais e apenas uma aparência ou a representação do homem. A frase o "homem existe" significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela in-sistência ex-sistente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser (HEIDEGGER, 1989b, p. 59).

Assim, a religião e a psicanálise se submetem em causa última não a um Deus, mas a existência humana sempiterna na morte, que confere todas as possibilidades de sentido ao viver, enquanto esta (morte) ainda não o é.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 5ª ed. – São Paulo: Martins, Fontes, 2007.

AGOSTINHO. A verdadeira religião. Paulinas: São Paulo, 1987.

ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução, introdução e comentários de Mário da Gama Kury. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1977.

BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. SP: WMF, Martins Fontes, 2009.p. 209.

_____. A evolução criadora. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005 – (Coleção tópicos).

BÍBLIA, N. T. João. Português. **Bíblia Sagrada**. Reed. Versão Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. das Américas, 1950.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectivas, 2007. (Coleção estudo; 20 - dirigido por J. Guinsburg).

CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de Valerie Rumjanek Chaves. – 18ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

Durkheim, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. – São Paulo: Martins Fontes, 1996. - (Coleção Tópicos).

FREUD, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. ESB Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FROMM, Erich. **Ter ou Ser**. Tradução Isabel Fraga. 2ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

FROMM, Erich. **Psicanálise e Religião**. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1962.

HEIDEGGER, M. *Que é metafísica?* Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1989b. (Os Pensadores).

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969 316p.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 21. ed. – Petrópolis, Vozes, 2008. (Obras Completas de C. G. Jung; v. 7, t.2).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. Tradução de Inácia Canelas. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 53-93 (Coleção os Pensadores).

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?** In: KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela - Lisboa: Edições 70, 2007.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional** / Rudolf Otto. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. - São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Introdução e notas de Ch.-M. Dés Granges. Tradução de Sérgio Millet. 1ª edição. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

SANTOS, Boaventura Souza. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial**. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas / Boaventura de Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. V. 1, 688 p.; 20 x 20 cm - (Antologías del Pensamiento Social Latinoamericano y Caribeño / Gentili, Pablo).

ⁱ Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) - *Campus XI* - Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Formado em filosofia (UFBA). Atualmente é professor EBTT no IF Baiano – *Campus Bom Jesus da Lapa* – Ba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0750874662387230>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9660-6407>.

ⁱⁱ Pós-Doutor pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - FPCE-UC Portugal (Área de concentração: Educação Superior e Políticas Educacionais), Professor Investigador: 2014-2016, supervisionado pela Dra. Teresa Pessoa. Pós-Doutor - pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra - IP-ESEC- Portugal (Área de concentração: Formação de Professores, Identidade e Gênero) Professor Investigador: 2017-2021, supervisionado pela Dra. Filomena Teixeira. Doutor em Ensino (Educação Matemática e Tecnologia) - (Área de concentração: Alfabetização Científica e Tecnológica) pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES, 2018-2022). Doutor em Ciências da Religião (Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade, na linha: Religião e Movimentos Sociais) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-Goiás, 2010-2014. Atualmente atua no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Colaboração Técnica-, na linha 2: Novas Formas de subjetivação e organização comunitária. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5221482223498714>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4788-016X>.

ⁱⁱⁱ “Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade. Os deuses criaram o homem e o mundo, os heróis civilizadores acabaram a Criação, e a história de todas as obras divinas e semidivinas está conservada nos mitos” (ELIADE, 1992, p. 97).

^{iv} Referência à passagem do livro de BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. São Paulo: FTD, 2008, 95.

^v Entre as muitas tendências interpretativas que modificaram em maior ou menor grau as doutrinas fundamentais da Psicanálise, é possível lembrar duas, a de Jung e a de Adler. Jung concebeu o instinto fundamental do homem não como de natureza sexual, mas como uma energia originária e criativa que se identifica com o conceito genérico de divindade e constitui o inconsciente coletivo, que é a base comum da natureza humana (Psicologia do inconsciente, 1942) (ABBAGNANO, 2007, p. 823).

^{vi} Razão.

^{vii} Metanarrativas são discursos que se voltam para a construção de uma narrativa dentro de si mesma (nota do autor).

^{viii} (...) Aí está a pedra de tropeço das teorias vitalistas. Não as censuraremos, como se costuma fazer, por responderem à questão pela própria questão. Sem dúvida, o "princípio vital" não explica muita coisa: pelo menos tem a vantagem de ser uma espécie de leiteiro postado sobre nossa ignorância, que nós podemos lembrá-la, quando necessário, ao passo que o mecanicismo nos convida a esquecê-la, com efeito, duas partes que devem ser distinguidas no neovitalismo contemporâneo (...). Mas a verdade é que a posição do vitalismo se torna muito difícil pelo fato de não haver nem finalidade puramente interna, nem individualidade absolutamente delimitada na natureza. Os elementos organizados que entram na composição do indivíduo têm, eles próprios, uma certa individualidade e reivindicarão cada um seu princípio vital. (...) Dizíamos que a vida, desde suas origens, é a continuação de um só e mesmo elã que se dividiu entre linhas de evolução divergentes. Algo cresceu, algo se desenvolveu por uma série de adições que foram, todas elas criações. (BERGSON, 2005, p. 46-47).

^{ix} CONSENSO UNIVERSAL (lat. Consensus gentium). Na obra de Aristóteles é comum a referência à "opinião de todos" como prova ou contraprova da verdade; em *Ética a Nicômaco*, (X, 2, 1.172 b 36) diz explicitamente: "Aquilo em que todos consentem, dizemos que assim é, já que rejeitar semelhante crença significa renunciar ao que é mais digno de fé". (ABBAGNANO, 2007, p. 196).

^x Competência. Nota do autor.

^{xi} NUMINOSO (in. Numinous). Foi assim que Rudolf Otto chamou a consciência do *mysterium tremendum*, que é algo misterioso e terrível que inspira temor e veneração; essa consciência seria a base da experiência religiosa da humanidade. (ABBAGNANO, 2007, p. 720).

^{xii} LOGOS (gr. ΛÓΓΟΣ; lat. Verbum). A razão enquanto substância ou causa do mundo (...) é concebido por Heráclito como sendo a própria lei cósmica: "Todas as leis humanas alimentam-se de uma só lei divina: porque esta domina tudo o que quer e basta para tudo e prevalece a tudo" (Fr. 114, Diels). (...) esta concepção foi tomada pelos estoicos, que viram na razão o "princípio ativo" do mundo, que anima, organiza e guia seu princípio passivo, que é a matéria (...) "O princípio ativo" — diziam — "é o que está na matéria, é Deus: ele é eterno e, através da matéria, é artífice de todas as coisas" (DIÓG. F., VII, 134) (ABBAGNANO, 2007, p. 630).

^{xiii} ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

^{xiv} Com um forte conteúdo utópico, a energia para a pôr em prática advém-lhe de uma imagem desestabilizadora que designo por epistemicídio, o assassinio do conhecimento. As trocas desiguais entre culturas têm sempre acarretado a morte do conhecimento próprio da cultura subordinada e, portanto, dos grupos sociais seus titulares. Nos casos mais extremos, como o da expansão europeia, o epistemicídio foi uma das condições do genocídio (Santos, 1998). A perda de confiança epistemológica por que passa actualmente a ciência moderna torna possível identificar o âmbito e a gravidade dos epistemicídios cometidos pela modernidade hegemónica eurocêntrica. A imagem de tais epistemicídios será tanto mais desestabilizadora quanto mais consistência tiver a prática da hermenêutica diatópica (BOAVENTURA, 2018, p. 528).

^{xv} O *Index Librorum Prohibitorum* é, literalmente, **uma lista de publicações proibidas consideradas hereges pela Santa Sé**. A Igreja sempre perseguiu linhas de pensamento divergentes, desde o início do cristianismo. Fonte: <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/1966-igreja-acaba-com-index-de-livros-proibidos/#:~:text=O%20Index%20Librorum%20Prohibitorum%20%C3%A9,desde%20o%20in%C3%ADcio%20do%20cristianismo>. Acessado em 12/02/2023.

^{xvi} CREDO QUIA ABSURDUM. Frase atribuída a Tertuliano (séc. II) e que, embora não se encontre em suas obras, exprime bem o antagonismo que ele estabeleceu entre ciência e fé. Seu significado é igualmente expresso pelas seguintes palavras: "O Filho de Deus foi crucificado; não é vergonhoso porque poderia sê-lo. O Filho de Deus morreu; é crível porque inconcebível. Sepultado, ressuscitou; é certo porque impossível" (De carne Christi, 5) (ABBAGNANO, 2007, p. 218).

^{xvii} JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969 316p.

^{xviii} BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectivas, 2007. (Coleção estudo; 20|dirigido por J. Guinsburg).

^{xix} Ver a obra: SALINGER, J. D. **O apanhador no campo de centeio**. Tradução de Jório Dauster. Rio de Janeiro: Editora do Autor. 9ª edição.